

CYRO MARTINS (1908-1995) UMA VIDA EM IMAGENS

LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL

PORTO ALEGRE 2024

APRESENTAÇÃO

Cyro Martins (Quaraí, RS, 1908 - Porto Alegre, RS, 1995) assumiu diferentes papéis ao longo de sua vida, sendo os dois principais o de psicanalista e o de escritor. Ele se diplomou pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre no final de 1933, especializou-se em Neurologia no Rio de Janeiro em 1937 e fez a formação psicanalítica em Buenos Aires entre 1951 e 1955. Nos caminhos profissionais, ele atuou como clínico geral na cidade natal, como médico alienista do Hospital Psiguiátrico São Pedro e como psicanalista com consultório em Porto Alegre. Nas escolhas literárias, Cyro também mostrou versatilidade. Ele foi contista em Campo fora (1934) e A entrevista (1968); escreveu romances de cunho social como Sem rumo (1937), Porteira fechada (1944) e Estrada nova (1954); foi romancista histórico em Sombras na correnteza (1979), Gaúchos no obelisco (1984) e O professor (1988); flertou com a autobiografia em Mensagem errante (1942) e A dama do saladeiro - histórias vividas e andadas (1980); foi memorialista em Rodeio (1976) e Para início de conversa (1990) e fez crítica literária em Escritores gaúchos (1981) e Páginas soltas (1994).

No Rio Grande do Sul do século XX, na área da psicanálise, Cyro desempenhou um papel relevante. Ele foi um dos primeiros profissionais do estado habilitado pela Associação Psicanalítica Argentina (APA), ajudou a fundar e presidiu a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Neurocirurgia do Rio Grande do Sul, desenvolveu a prática da psicoterapia analítica de grupo e reuniu alguns dos seus trabalhos nos livros Do mito à verdade científica – estudos psicanalíticos (1964), A criação artística e a psicanálise (1970), O mundo em que vivemos (1983), A mulher na sociedade atual (1984) e Caminhos – ensaios psicanalíticos (1993). A atuação significativa lhe rendeu a marca de pioneiro, e homenagens à sua figura podem ser vistas nos nomes de algumas instituições, como

a Associação de Psiquiatria Cyro Martins e o Instituto Cyro Martins de Psiquiatria e Psicoterapia.

A vida desse personagem tão prolífico aparece agora em fotobiografia. As imagens que compõem este e-book foram selecionadas no Acervo Cyro Martins, que está sob a guarda do Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Na organização das fotografias, tentou-se manter a ordem cronológica; mesmo que algumas delas não tragam indicação de datas, pode-se depreender as décadas nas quais elas estão inseridas. Para a elaboração dos textos que acompanham as imagens, foram essenciais as obras que abordam a biografia do escritor e psicanalista: *Cyro Martins* – 100 anos: o homem e seus paradoxos, de Celito De Grandi e Núbia Silveira (2008), e *Cyro Martins* – os anos decisivos (1908-1951), de Fábio Varela Nascimento (2019).

A elaboração desta fotobiografia contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), uma vez que o projeto "Cyro Martins (1908-1995) – uma vida em imagens" foi contemplado pelo Edital FAPERGS 07/2021 PROGRAMA PESQUISADOR GAÚCHO – PqG.

Luiz Antonio de Assis Brasil



Cyro nasceu em 5 de agosto de 1908, na localidade do Garupá, interior de Quaraí. Ele era o segundo filho do casal Felícia dos Santos Martins e Appolinário de Souza Martins, mais conhecido pelo apelido de "Seu Bilo". Os pais eram pequenos proprietários e possuíam um bolicho na campanha. O núcleo familiar ainda contava com Ivo, o filho mais velho, Alda e Iná.



Por volta dos 3 anos, no cenário montado e ostentando seu "tajinho de viludo", o menino Cyro posa para a primeira das muitas fotografias que tiraria ao longo da vida.





Perfeita e João Martim, empregada e peão da família, foram personagens marcantes da infância e da juventude de Cyro. Ambos figuraram como personagens do romance *O professor* (1988) e seriam lembrados em *Rodeio* (1976) e *Para início de conversa* (1990).





Desde 1920, Cyro envergava o fardamento de brim caqui do Colégio Anchieta, de Porto Alegre. Seu Bilo entendia que o mundo havia mudado muito naquelas primeiras décadas do novo século, por isso, era necessário ter estudo. Fazendo grandes esforços financeiros, ele mandou os filhos para uma das mais reconhecidas e caras instituições de ensino do Rio Grande do Sul na época. As experiências estudantis de Cyro foram revividas através de Carlos, o protagonista de *Um menino vai para o colégio* (1977).



A Revolução de 1923 marcou a história estadual e a vida de Cyro Martins. A família saiu provisoriamente da campanha e se estabeleceu em Quaraí, o que gerou um abalo nas finanças dos Martins. Além disso, Cyro tomou consciência do que ocorria e, seguindo o pai, identificou-se com os maragatos. O episódio revolucionário foi revisitado por Cyro em diversas ocasiões – nos romances Sombras na correnteza (1979) e O professor (1988), em Para início de conversa (1990) e no texto "O bisneto do imigrante José", de Páginas soltas (1994). No verão de 1924, após a assinatura da paz, ele – indicado pela seta – participou de um comício libertador. No verso da fotografia, lê-se a seguinte descrição: "Comício Libertador na fazenda do snr. Zeferino Prates. Viva o partido Libertador. Estância da Côrte".



A partir de 1924, o Colégio Anchieta modificou as normas de aceitação no seu internato, e o jovem Cyro passou a ser cliente das pensões baratas da capital gaúcha. Era uma nova fase tanto para Cyro, que experimentava uma inédita liberdade, quanto para a Porto Alegre que tentava se modernizar. A lembrança da vida nas pensões ajudou a construir alguns dos textos de *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas (1980) e as cenas iniciais de *Gaúchos no obelisco* (1984).



Na mesma época em que conhecia a liberdade em Porto Alegre e via despertar seu interesse por política, Cyro começou a desenvolver histórias curtas, de tons regionalistas, na máquina de escrever de Bilo – a "gringa velha agauchada". A máquina está guardada no Centro Cultural Dyonelio Machado, em Quaraí, e algumas das narrativas iniciadas na adolescência fizeram parte de *Campo fora* (1934).





Em 1928, Cyro ingressou na Faculdade de Medicina de Porto Alegre para continuar os estudos e os planos do Seu Bilo. Não há registros da formatura no Anchieta e os retratos do período conservados no Acervo Cyro Martins pulam para 1931. Esse é o caso da fotografia à esquerda, que traz a seguinte indicação no verso: "Porto Alegre, 5-12-931 - Rua da Praia com Salgado Martins". Já a da direita, datada genericamente de 1932, contém uma dedicatória: "Ao papai e à mamãe. O companheiro é o Heitor Galant. Saudades do Cyro".



Ao longo de sua vida, Cyro cultivou diversas amizades, sendo que algumas delas tiveram início nos tempos de estudante e nos quartos de pensão. A imagem e o verso da fotografia deixam isso claro: "Fotografia tirada num quarto de pensão em 1932. Da esquerda para a direita: Cyro Martins, [ilegível] Xavier, Mário Martins e Antônio [ilegível]". A amizade entre Cyro e Mário seria duradoura e ambos dividiriam episódios pessoais e profissionais nos anos seguintes.



Outra amizade duradoura de Cyro se deu com o também escritor Aureliano de Figueiredo Pinto, ao lado quem fora flagrado caminhando pela Rua da Praia na década de 1930. Companheiro que não regulava muito em idade com Cyro, pois era dez anos mais velho, Aureliano e sua "veia poética" eram admirados entre os amigos. Em Para início de conversa (1990), Cyro falou sobre essa amizade e sobre Memórias do Coronel Falcão, obra mais conhecida de Aureliano. Esta fotografia, diferentemente das outras, está conservada no Acervo João Otávio Nogueira Leiria.



Com a proximidade do fim do curso, a turma de Cyro se preocupava com pompas, trajes, oradores, fotografias e o futuro. Essas preocupações foram contadas por Cyro em duas narrativas de *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas (1980): "Linho branco ou casaca?" e "A formatura".



A formatura em Medicina ocorreu no final de 1933. Sem recursos para os festejos do momento, Cyro colou grau em gabinete – juntamente com o amigo Mário. O retorno à terra natal para exercer a profissão era a única certeza que ele tinha naqueles tempos.



No verso desta fotografia, lê-se que Cyro estava ao lado do amigo Oneron Dornelles, no Parque Farroupilha, em 1936. O homem, que talvez visitasse os últimos dias da Exposição do Centenário Farroupilha, estava em outra fase da vida. Desde a volta a Quaraí, as águas tinham corrido. Como profissional novato, Cyro exercia a "medicina dos três pês" – parentes, pobres e putas. Em março de 1934, quando ele tentava se adaptar à nova realidade, Seu Bilo foi vitimado pela febre tifoide. No mesmo ano, seus contos foram publicados pela Globo no livro *Campo fora*. Em setembro de 1935, com pouco mais de 27 anos, livro publicado e incertezas profissionais, ele se casou com Suely Castro de Souza, de 20.



Em 1938, Cyro Martins enveredava por outros rumos. No ano anterior, ele e Suely passaram uma temporada no Rio de Janeiro, onde o médico se especializou em Neurologia. Além da experiência carioca, o 1937 trouxe, através da editora Ariel, a publicação de *Sem rumo*, primeira narrativa da *Trilogia do gaúcho a pé*. Na volta ao Rio Grande do Sul, o casal ficou pouco tempo em Quaraí; logo eles se estabeleceriam em Porto Alegre a fim de que Cyro se preparasse para o concurso do Hospital São Pedro. Entre o irmão Ivo e a irmã Alda, próximo de Suely (de blusa xadrez) e de outros amigos, Cyro se despediu com festa da cidade natal.



Após a aprovação no concurso do São Pedro, em 1938, outros episódios marcaram a vida de Cyro Martins. Em 1939, ele publicou seu terceiro livro, *Enquanto as águas correm*; dois anos depois, nasceu Maria Helena (à direita na fotografia), a filha mais velha; em 1942, outra de suas obras saiu pela Globo – *Mensagem errante*. No ano de 1944, *Porteira fechada* recebeu boa recepção da crítica e ficou entre os mais vendidos da Livraria do Globo; além da conquista literária, em dezembro, chegou Cecília, a segunda filha.



Esta fotografia traz, carimbada no verso, a data de 26 de agosto de 1946. Com 38 anos, Cyro era pai de duas filhas e autor de cinco livros. No início de 1946, ele se licenciou do Hospital São Pedro a fim de passar uma temporada em Buenos Aires, onde faria sua formação psicanalítica e acompanharia o tratamento de Suely, que passava por problemas de saúde mental. A viagem, entretanto, foi interrompida em junho daquele ano, e Cyro nunca esclareceu os motivos do ocorrido. Mesmo com uma vida familiar atribulada, ele continuava escrevendo e colaborando com alguns dos periódicos mais importantes do Rio Grande do Sul, como mostram as publicações de "Triste meio-dia de um otimista", "Folhinha de outono" (Revista do Globo) e "É bicho mau, o homem" (Província de São Pedro).



O final da década de 1940 foi conturbado para Cyro. Durante 1948, ele e Suely enfrentaram um processo de desquite que foi finalizado em janeiro do ano seguinte. Devido à doença de Suely, Maria Helena e Cecília ficaram aos cuidados da avó materna, com Cyro tendo o direito de visitá-las.

Nos últimos dias de 1948, em Rivera, Cyro Martins se casou com Zaira Meneghello. Iniciava-se uma fase intensa na vida de Cyro, pois, além de estar em um novo relacionamento, ele continuava a escrever narrativas curtas – "A entrevista", publicada na Revista do Globo em fevereiro de 1949 – e até se aventurou na direção da revista Horizonte entre os meses de março e junho do mesmo ano.





Em 1951, Cyro pediu uma nova licença ao Hospital São Pedro, ela começaria a contar em 1º de agosto. A intenção, mais uma vez, era estudar em Buenos Aires. Desde 1943, quando soube, junto com Mário Martins, da possibilidade de realizar a formação psicanalítica na Associação Argentina Psicanalítica (APA), Cyro alimentava o desejo de acontecimentos partir. Como desviaram familiares sua rota anteriormente, ele adiou os planos. Na segunda tentativa, em uma nova fase de sua vida e acompanhado por Zaira, Cyro se instalou nas terras portenhas e ficou por lá até 1955.



Na APA, Cyro construiu relações que extrapolariam os anos de vivência em Buenos Aires. Uma das mais importantes se deu com Arnaldo Rascovsky, figura essencial para o estabelecimento da Argentina como centro psicanalítico da América Latina. A fotografia acima traz, no verso, a seguinte indicação: "Com o psicanalista Arnaldo Rascovsky Buenos Aires".

Muitas águas correram no período em que Cyro viveu seus anos portenhos. Quando retornou a Porto Alegre, em 1955, ele era membro da APA e estava apto a exercer a função de psicanalista, mas não foi apenas sua situação profissional que se alterou naqueles anos. No plano familiar, Buenos Aires foi palco da chegada de Cláudio (abaixo), o filho mais novo. Em termos literários, foi na Argentina que Cyro finalizou o romance que fecharia a *Trilogia do gaúcho a pé – Estrada nova*.





O verso da fotografia indica a data de 1955. Na época, Cyro estava com 47 anos e, em agosto, tinha voltado a Porto Alegre para retomar suas atividades no Hospital São Pedro no mês seguinte.



Um ano após seu retorno, Cyro pediu nova licença de suas funções no São Pedro para viajar a Buenos Aires com o objetivo de participar do Congresso de Psicanálise Sul-Americano e Ibero-Americano de Psicologia Médica. A fotografia retrata sua fala no evento de 1956 e sinaliza uma tônica na carreira de Cyro: a frequência em congressos e seminários que aprofundassem seus conhecimentos sobre a área e oportunizassem diálogos com colegas de outros países.



O final da década de 1950 foi movimentado para Cyro. Especialmente em 1957, ele foi eleito presidente da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Neurocirurgia do Rio Grande do Sul e começou a atuar como docente no Instituto de Psicanálise. Além desses papéis relacionados ao âmbito profissional, Cyro viu sua última publicação literária sair pela Globo – Paz nos campos. Incluída na Coleção Província, a obra não trazia textos inéditos, mas reunia a primeira parte de Mensagem errante (1942), que tratava da ida do menino Carlos para um colégio de padres, os contos de Campo fora (1934) e Porteira fechada (1944).

Em 1960, ano em que Cyro foi fotografado no IV Congresso Latino-Americano de Saúde Mental, sediado no Hotel Carrera, em Santiago do Chile, houve uma mudança decisiva em sua atuação como psicanalista. Ele pediu exoneração do cargo de Médico Psiquiatra do Hospital São Pedro, onde trabalhava desde setembro de 1938. Na nova fase, Cyro investiria, entre outras atividades, na clínica particular.



Durante os anos 1960, Cyro se dedicou com mais afinco às atividades relacionadas à psicanálise. Ele era figura frequente nos congressos da área e fazia parte da organização dos eventos ocorridos em Porto Alegre, como foram os casos do IV Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo, realizado entre 25 e 30 de outubro de 1964, e o I Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo (23-26 de outubro de 1968).



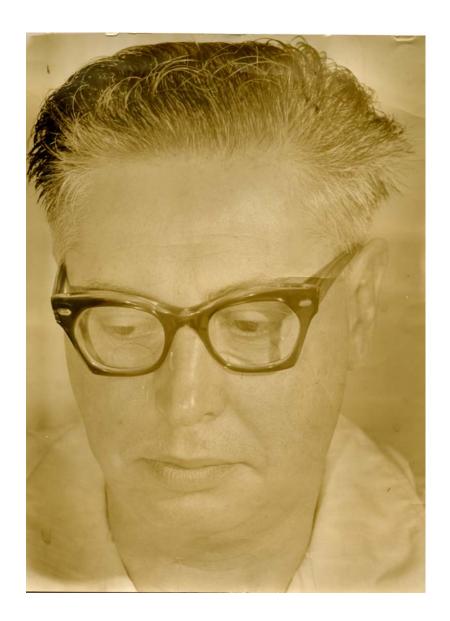




A fotografia mostra um dos raros eventos em que Cyro se voltou para a literatura na década de 1960. No espaço lotado, em uma noite de 1968, ele autografa para o amigo Dyonelio Machado um exemplar de *A entrevista*, editado pela Sulina. Cyro retornava a um livro de contos 34 anos após *Campo fora*. A entrevista reunia textos diferentes daqueles de sua estreia, pois as narrativas se concentravam mais nos aspectos psicológicos dos personagens e o cenário de boa parte delas era urbano. Alguns dos contos já eram conhecidos do leitor, uma vez que saíram nas páginas da *Revista do Globo*. *A entrevista* não foi a única publicação de Cyro nos anos 1960. Em 1964, outra vez pela Globo, ele lançou um trabalho diferente: *Do mito à verdade científica* – estudos psicanalíticos. A obra sinalizava a crescente dedicação de Cyro à psicanálise e a sua vontade de se estabelecer como uma autoridade da área no Rio Grande do Sul.

Para Cyro, a data do aniversário era importante para receber os amigos e comemorar a vida. Em um desses festejos, ocorrido nos anos 1960, conforme as anotações do verso da fotografia, ele foi "Cumprimentado por David Zimmermann numa festa de aniversário".





É possível que o Cyro Martins sexagenário já percebesse que os anos seguintes proporcionariam trabalho intenso e oportunidades de reencontros.



Como mostram a fotografia acima e as seguintes, Cyro esteve presente em diversos congressos de psicanálise da década de 1970. No período, ele também organizou e publicou cinco trabalhos relacionados à psicanálise e à prática médica: A criação artística e a psicanálise (1970), Perspectivas do humanismo psicanalítico (1973), Orientação educacional e profilaxia mental (1974), Rumos do humanismo médico contemporâneo (1977) e Perspectivas da relação médico-paciente (1979).



V PRÉ-CONGERSSO DIDÂTICO LATINO-AMERICANO DE PSICANÁLISE Organizado pelo C.O.P.A.L. Rio de Janeiro - 18 e 19 de Julho de 1974 - H. Nacional



VII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PSICOTERAPIA ANALÍTICA DE GRUPO Org. pela Soc. de Pscoterapia Analítica de Grupo da GB Hotel Nacional — Rio 26/7/74.



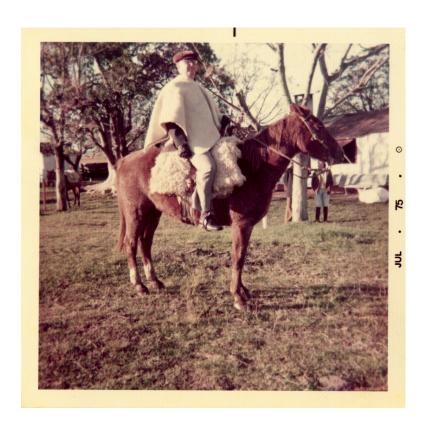


Nesta fotografia, está anotado no verso: "1976 Com o seu colega e amigo Tellarossa, argentino".

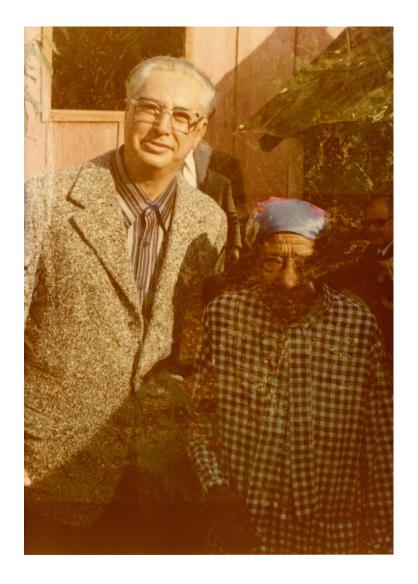


A fotografia abaixo, de agosto de 1971, mostra algo comum nas idas de Cyro aos eventos e em suas viagens: a parceria de Zaira.





A década de 1970 também proporcionou alguns reencontros para Cyro. Após quase quarenta anos da partida de Quaraí, ele voltou à cidade em julho de 1975. A visita mexeu com as memórias de Cyro, que relembrou das vivências em Quaraí nos textos de *Rodeio* (1976).



Um desses reencontros foi com Perfeita, pessoa importante na história de Cyro e dos outros membros da família Martins.

Entre os companheiros da viagem de 1975 estava o filho Cláudio, que revisitou a localidade do Cerro do Marco com o pai.





Depois da visita de 1975, Cyro retornaria a Quaraí pelo menos em outras duas ocasiões, sendo que ambas estavam ligadas à biblioteca do Centro Cultural Comunitário – posteriormente Centro Cultural Dyonelio Machado. A fotografia de 1977 mostra Cyro vendo parte do acervo do Centro. Dois anos mais tarde, em junho de 1979, ele voltaria ao lugar para deixar a "gringa velha agauchada", máquina de escrever que pertencera a Bilo.

Os reencontros com Quaraí potencializaram a criação literária de Cyro. Além dos textos memorialísticos de *Rodeio*, em 1979, ele publicou o romance *Sombras na correnteza*, que abordava a Revolução de 1923 e revivia, de forma ficcional, a figura paterna. Já em *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas (1980), Cyro relembrou episódios da época de estudante em Porto Alegre e dos primeiros anos de prática médica em Quaraí.



Cyro não se fazia presente apenas nos congressos de psicanálise, ele também participava dos eventos ligados à literatura. A fotografia retrata sua fala na I Jornada de Literatura Sul-Rio-Grandense, ocorrida em Passo Fundo, entre 11 e 15 de agosto de 1981. Faziam parte da mesa, da esquerda para a direita, os escritores Antônio Carlos Resende, Armindo Trevisan e Sérgio Caparelli.

A fotografia foi enviada para Cyro como lembrança, conforme as anotações do verso: "Estimado Dr. Cyro,

A sua simpatia, a sua simplicidade, o seu conhecimento, a sua elegância encantou a todos os participantes da I Jornada de Literatura Sul-Rio-Grandense.

Aí vai uma lembrança de sua brilhante e simpática participação da Jornada mais 'maluca' de que o senhor já participou.

Um abração nosso Acioly, Tânia, Cassiano e Ilana

Passo Fundo, 12/8/81"

A década de 1980 reservou publicações e homenagens para Cyro. Em 1982, houve o lançamento da novela *O príncipe da vila*, obra peculiar dentro da produção do autor. No mesmo ano, ele recebeu o título de "Cidadão Honorário" de Porto Alegre. A iniciativa foi do Vereador Reginaldo Pujol, que aparece cumprimentando Cyro na fotografia.



Em 1986, Cyro foi escolhido para ser o patrono da 32ª Feira do Livro de Porto Alegre. Sua contribuição para a literatura vinha desde 1934, mas os anos 1980 foram alguns dos mais produtivos de sua carreira. Além de *A dama do saladeiro* e *O príncipe da vila*, ele publicou *Escritores gaúchos* (1981), *Gaúchos no obelisco* (1984), *Na curva do arco-íris* (1985) e *O professor* (1988).



Outra homenagem veio de Quaraí, em formato de bolo, quando da comemoração dos 80 anos de Cyro. Entre o final dos anos 1980 e a primeira metade dos 1990, as festas de aniversário e os lançamentos de Cyro eram celebrados com a presença de familiares, amigos e leitores. Na fotografia abaixo, à direita de Cyro, estão Zaira e Carlos Jorge Appel, da Editora Movimento.





Em outra data comemorativa, Cyro posa junto aos familiares. Da direita para a esquerda: Cláudio, Apolinário (sobrinho) e esposa, Zaira, Cyro, Alda (irmã), Maria Helena e Ivo (irmão).



Outra vez em família: Cyro rodeado por dois dos filhos e pela esposa.



Na mesma ocasião festiva, Cyro foi fotografado ao lado do amigo e poeta Mário Quintana, sobre quem escreveu, em *Escritores gaúchos*, o texto intitulado "Notas sobre Mário Quintana".



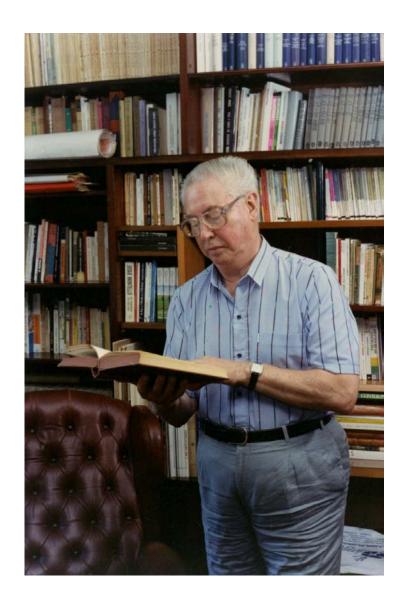
Em um de seus lançamentos, Cyro se prepara para autografar um exemplar enquanto Maria Helena e Zaira conversam. Os anos 1990 também foram prolíficos em termos de publicação para Cyro, pois saíram tanto obras memorialísticas – *Para início de conversa* (1990) – e ficcionais – *Um sorriso para o destino* (1991) – quanto ensaísticas – *Caminhos*: ensaios psicanalíticos (1993) e *Páginas soltas* (1994).

Em 1990, foi fundada a Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina e Cyro (indicado pela seta) estava entre os envolvidos, sendo o primeiro ocupante da cadeira 47.





Em 23 julho de 1993, a atuação profissional de Cyro foi reconhecida de outra forma: a turma de formandos do curso de Psicologia da UNISINOS escolheu-o como patrono.



Cyro Martins faleceu em 15 de dezembro de 1995, aos 87 anos. A vida lhe proporcionou as mais diversas experiências e relações marcantes com familiares, amigos, pacientes e leitores. Além de ter um papel pioneiro no campo psicanalítico do Rio Grande do Sul, Cyro deixou um legado que compreende cerca de 21 obras, que passam pela ficção, o ensaio científico, a crítica literária e o texto memorialístico.

CRONOLOGIA

- 1908 Nascimento em 5 de agosto, na localidade do Garupá, interior de Ouaraí.
- 1916 Saída da família do Garupá e estabelecimento no Cerro do Marco.
- 1920 Ingresso como aluno interno do Colégio Anchieta, em Porto Alegre.
- 1928 Início do curso na Faculdade de Medicina de Porto Alegre.
- 1933 Formatura e volta para Quaraí.
- 1934 Publicação de Campo fora.
- 1935 Casamento com Suely.
- 1937 Temporada no Rio de Janeiro e publicação de Sem rumo.
- 1938 Volta a Porto Alegre e ingresso no quadro funcional do Hospital São Pedro.
- 1939 Publicação de Enquanto as águas correm.
- 1941 Nascimento de Maria Helena.
- 1942 Publicação de Mensagem errante.
- 1944 Nascimento de Cecília e publicação de Porteira fechada.
- 1948 Casamento com Zaira.
- 1951 Mudança para Buenos Aires.
- 1954 Nascimento de Cláudio, publicação de Estrada nova.
- 1955 Volta para Porto Alegre.
- 1957 Eleição para a presidência da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Neurocirurgia do Rio Grande do Sul, publicação de Paz nos campos.
- 1964 Publicação de Do mito à verdade científica.
- 1968 Publicação de A entrevista.
- 1970 Publicação de A criação artística e a psicanálise.
- 1973 Publicação de Perspectivas do humanismo psicanalítico.
- 1974 Publicação de Orientação educacional e profilaxia mental.
- 1976 Publicação de Rodeio.

- 1979 Publicação de Sombras na correnteza.
- 1980 Publicação de A dama do saladeiro.
- 1981 Publicação de Escritores gaúchos.
- 1982 Publicação de *O príncipe da vila* e recebimento do título de Cidadão Honorário de Porto Alegre.
- 1983 Publicação de O mundo em que vivemos.
- 1984 Publicação de Gaúchos no obelisco e de A mulher na sociedade atual.
- 1985 Publicação de Na curva do arco-íris.
- 1986 Patrono da 32ª Feira do Livro de Porto Alegre.
- 1988 Publicação de O professor.
- 1990 Publicação de Para início de conversa, com Abrão Slavutzky.
- 1991 Publicação de Um sorriso para o destino.
- 1994 Publicação de Páginas soltas.
- 1995 Falecimento em 15 de dezembro, em Porto Alegre.

POSFÁCIO

O médico, psicanalista e escritor Cyro Martins queria ser lembrado. Esse desejo não era uma exclusividade do autor da *Trilogia do gaúcho a pé*. É possível que a maioria das pessoas queira deixar sua marca – no mundo e, principalmente, nos outros. Não é por esse desejo que estendemos nossa genética aos descendentes? Que nos expressamos através da pintura desde os tempos das cavernas? Que escrevemos? Que fotografamos – agora mais do que nunca – os momentos significativos da vida? Não queremos, de alguma forma, que se lembrem de que passamos por aqui e de que fizemos algo? Cyro foi um dos que passou e fez algo. Na verdade, fez muito.

Nascido na campanha gaúcha, ainda jovem se mudou para Porto Alegre a fim de estudar. A ideia não era do guri que gostava de acompanhar os movimentos no balcão do bolicho e fantasiar com o gado de osso, mas do pai. Seu Bilo entendia que aquele novo século seria o das pessoas estudadas e não queria que seus filhos ficassem pelo caminho. Após o Colégio Anchieta, veio a Faculdade de Medicina, e Cyro voltou a Quaraí formado. Esse retorno mostrou os descaminhos e os caminhos que a vida proporciona. Bilo faleceu pouco depois da volta de Cyro; Campo fora, o primeiro livro, saiu pela Globo; vieram o casamento com Suely, a ida para o Rio de Janeiro, a publicação de Sem rumo e o adeus à terra natal.

Já em Porto Alegre, Cyro virou funcionário público através de um concurso para o Hospital São Pedro; lançou outras três obras – Enquanto as águas correm, Mensagem errante e Porteira fechada; consolidou seu nome como escritor no cenário regional; tornou-se pai de duas meninas; sofreu com o final do primeiro casamento; reiniciou a vida ao lado de Zaira e, mais uma vez, partiu. Na Argentina, Cyro realizou a formação psicanalítica e virou pai novamente, agora de um menino.

O retorno a Porto Alegre foi definitivo. Na capital, Cyro estabeleceu consultório, produziu ensaios científicos e se dedicou à literatura. Mesmo escrevendo no "rabo das horas", como afirmava, pois dedicava boa parte do dia à análise, prática que lhe dava a subsistência, ele lançou mais de duas dezenas de títulos, abrangendo diferentes gêneros. Além dos conhecidos romances da *Trilogia* e dos contos de *Campo fora* e *A entrevista*, Cyro escreveu obras como *Sombras na correnteza*, *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas, *O professor* e *Para início de conversa* (assinada com Abrão Slavutzky). O que liga esse último conjunto é a presença da memória: de si mesmo, dos outros, do tempo que passou.

A memória era matéria de grande interesse para Cyro, mesmo que ele afirmasse, na contracapa de Para início de conversa, não ter "gabarito para escrever memórias" nem "assunto para mais de uma dúzia de páginas". Nos seus textos, ele recorreu às lembranças para falar do pai, dos companheiros de pensão, dos primeiros clientes em Quaraí, dos amigos escritores, de episódios históricos como as revoluções de 1923 e de 1930. É importante sinalizar que Cyro visitava a memória aberta ou disfarçadamente. No primeiro grupo estão os casos de Rodeio e Para início de conversa; no segundo, as histórias ficcionais de Mensagem errante, Sombras na correnteza, Gaúchos no obelisco, O professor. Ele era o menino que ficava ao balcão enquanto os adultos confabulavam sobre política e correrias, o jovem testemunhava os acontecimentos da tarde de 3 de outubro de 1930 na Rua da Praia, o médico novato que fazia o primeiro parto no interior do Quaraí. Cyro se colocava nas próprias páginas para não ser esquecido, para ficar na memória dos que conviveram com ele, dos que o liam.

E Cyro permanece lembrado. Sua produção literária ainda é estudada e seu papel na psicanálise segue sendo reconhecido. Para isso, contribuem a preservação do seu acervo no Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS e as iniciativas como a desta fotobiografia, que contempla, com sensibilidade e critério, a trajetória de uma figura memorável.

Fábio Varela Nascimento Doutor em Letras pela PUCRS, autor de *Cyro Martins* – os anos decisivos (1908-1951), Editora Movimento, 2019.

AGRADECIMENTOS

Após a elaboração deste trabalho, preciso lembrar de pessoas e de instituições: Fábio Varela Nascimento, pela revisão e pelo auxílio quanto ao Acervo Cyro Martins e à trajetória de Cyro; Brenda Milford Leite, Anderson de Souza Pereira e Luiza Alves Danéris, bolsistas de Iniciação Científica, pela atuação no Acervo Cyro Martins nos anos de 2022 e 2023; Daniela Christ, bibliotecária do Delfos, pela colaboração na digitalização das fotografias do acervo; Delfos e PUCRS, pela abertura às ideias e pelo apoio através das bolsas do programa BPA; FAPERGS, por proporcionar a viabilização do projeto.

Luiz Antonio de Assis Brasil, escritor e Professor Titular da Escola de Humanidades da PUCRS.

Revisão

Fábio Varela Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

```
Brasil, Luiz Antonio de Assis
    Cyro Martins (1908-1995) [livro eletrônico]:
    uma vida em imagens / Luiz Antonio de Assis
    Brasil. -- Porto Alegre, RS : Ed. do Autor,
    2024.
    PDF
    ISBN 978-65-00-91653-9
    1. Fotografias 2. Histórias de vidas
    3. Martins, Cyro, 1908-1995 4. Memórias
    5. Psicanalistas - Brasil - Biografía I. Título.
24-189753 CDD-150.195092
```

Índices para catálogo sistemático:

```
1. Psicanalistas : Biografía 150.195092

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129
```